



BRICS
Policy Center
Centro de Estudos
e Pesquisas BRICS

Diálogos plurais sobre a ampliação do BRICS

BRICS e a questão social

Por Isabel Rocha de Siqueira

Professora e Diretora do IRI/PUC-Rio
Pesquisadora do BRICS Policy Center

Diálogos plurais sobre a ampliação do BRICS

No dia 15/09 realizamos no BRICS Policy Center um debate sobre o momento político dos BRICS onde os pesquisadores/as do Centro trocaram impressões, análises e perspectivas sobre a ampliação do agrupamento e sobre os resultados da XV Cúpula realizada em Johannesburgo, na África do Sul. O debate resultou nesta publicação com notas analíticas produzidas pelos/as pesquisadores/as do IRI/BPC: Beatriz Mattos, Isabel Siqueira, Jimmy Klausen, Marta Fernández e Sergio Veloso, a partir das suas respectivas agendas de pesquisa. Em breve outros textos serão adicionados à publicação.



**BRICS
Policy Center**
Centro de Estudos
e Pesquisas BRICS

BRICS Policy Center

R. das Laranjeiras 307, 3 andar, Laranjeiras, RJ.
Rio de Janeiro, Brasil - Cep. 22240-004
e-mail: bpc@bricspolicycenter.org
bricspolicycenter.org

Equipe BPC

DIREÇÃO

Marta Fernández

COORDENADORA ADMIN.

Lia Frota e Lopes

ESTÁGIÁRIO

Tales Bruno Machado Costa de Carvalho

DESIGN E EDITORAÇÃO

Luiz A. Segreto

BRICS e a questão social

Uma das dimensões relevantes e menos debatidas quando falamos de BRICS é aquela que diz respeito à população, à demografia e aos indicadores sociais. A população e sua composição são fatores diretamente relacionados à produtividade econômica, cobertura de proteção social, acesso a bens públicos e, no âmbito internacional, até mesmo poder. Enquanto a China fazia sua rápida ascensão econômica, por exemplo, o tamanho de sua população – até abril de 2023, a maior do mundo – figurava sempre como um componente importante dessa trajetória e do futuro. De fato, líderes mundiais não escondem a importância desse fator.

Em 2020, Presidente Vladimir Putin declarava à nação: "O destino da Rússia e as suas perspectivas históricas dependem de uma coisa: **quantos de nós somos e quantos de nós seremos.**"¹ A guerra na Ucrânia, iniciada em fevereiro de 2022, trouxe uma série de impactos também nesse âmbito: há previsão de que mais de meio milhão de russos tenham morrido na guerra, mas esse número é incerto.² Por outro lado, mais de 2,8 milhões de ucranianos tiveram que se realocar na Rússia desde o início da invasão, além de alguns milhões se contabilizados os anos pós-anexação da Criméia e antes da invasão.³ A Índia, por sua vez, contém hoje a maior população do planeta, e junto com a China, totalizam 3 bilhões de pessoas, significando uma enorme concentração da população mundial no continente asiático. Um dos principais trunfos da Índia atualmente é a parcela jovem de sua população, que tem idade média de 28 anos. Comparados com os 38 anos da idade média da população chinesa, entende-se por que o Primeiro Ministro Narendra Modi, ao discursar para o G20 na Índia este ano, enalteceu "as habilidades e a ética de trabalho da juventude indiana", afirmando que "o país tem a oportunidade de se tornar a 'capital de habilidades' do mundo" – algo, no entanto, muito contestado por vários economistas.⁴

Diante desta realidade, surge uma série de questões importantes. Aqui quero destacar três delas, duas muito alinhadas com as prioridades estabelecidas pelo governo do Presidente Lula no âmbito do G20 e outra que tem sido silenciada no bloco – o elefante na sala, respectivamente: **fome e desigualdade social; mudanças climáticas; e religião.**



Por Isabel Rocha de Siqueira

Professora e Diretora do IRI/PUC-Rio
Pesquisadora do BRICS Policy Center

O fato é que os BRICS chegam a conter 40% da população mundial e chegarão a 45%, com a entrada dos seis novos membros em 2024.

Não só o grupamento representará grande parte da população mundial, mas também produzirá mais da metade dos alimentos no mundo. No entanto, como a realidade brasileira atesta claramente, produzir alimentos e distribuir, quanto mais de forma justa, são coisas muito diferentes. Em 2022, apontava-se que 125,2 milhões de brasileiros haviam passado por algum grau de insegurança alimentar⁵ e que mais da metade da população brasileira (58,7%) estava convivendo com a insegurança alimentar em algum grau⁶, enquanto o país é o quarto maior produtor de grãos, com expectativa de superar a Índia – atual terceiro lugar, atrás de EUA e China – em 2023⁷. Em termos de desigualdade, ainda, não podemos deixar de mencionar que a expectativa de vida nos países BRICS, atuais e futuros membros, varia enormemente: enquanto na África do Sul e na Etiópia, a expectativa de vida é de 65 anos e 69 anos, respectivamente, na China chega a 78 anos⁸. Na África do Sul, o HIV/AIDS e o desemprego são grandes vilões e na Etiópia, a fome e o conflito. E muito importante, ainda, há que se discutir a desigualdade de gênero, patente quando se compara o acesso de mulheres ao mercado de trabalho na Índia, por exemplo, uma taxa que chegava a apenas 7% nos centros urbanos, em 2021⁹.

A ampliação dos BRICS pode significar que mais países estejam sob o holofote e gerar pressão internacional para o combate a essas desigualdades. Arábia Saudita, por exemplo, que se tornará membro em 2024, vem aprovando leis positivas em relação às mulheres, mas com limites, e mais pressão pode significar mais conquistas.¹⁰ Os Emirados Árabes Unidos, ao contrário da Arábia Saudita, ainda prevê em lei a necessidade de um guardião homem para que uma mulher possa realizar certas atividades, como casar, além de outras leis absurdas, como a que determina que uma mulher pode perder o direito a ser sustentada financeiramente pelo marido se recusar ter relações sexuais¹¹.

Portanto, no que tange as desigualdades de modo geral, o bloco carrega muitas diferenças internas e é onde provavelmente seguirá apresentando os perfis mais divergentes. Por outro lado, a falta de identificação nessa frente parece menos comprometedor para a ação em bloco do que outras, infelizmente, uma vez que isso também significa menos impulso coletivo para mudanças.

Caberá em grande medida à sociedade civil a pressão para o combate nessa frente.






No que se refere ao tema das mudanças climáticas, chama atenção a diferença nos discursos: de modo geral, ao tratar de produtividade e economia, há uma preocupação muito presente com a queda de fecundidade no mundo todo¹² e o envelhecimento da população (o Fundo Monetário Internacional chega a falar que “o envelhecimento é a nova bomba populacional”)¹³. No entanto, na agenda do clima, discursos sobre aumento populacional vão no sentido contrário, de pensar os impactos que mais seres humanos podem ter no planeta.

Ao olharmos criticamente para o BRICS como agrupamento de países do Sul global, é fundamental questionar o teor de alguns desses discursos, que podem ser caracterizados também como profundamente atravessados por um racismo histórico, afinal, quais são as populações cujo crescimento é considerado potencialmente perigoso? Em muitos casos, essa distinção é clara. Em 1983, os governantes de Índia e


China receberam o United Nations Population Award por suas iniciativas de controle de natalidade. A Índia chegou a realizar 8 milhões de esterilizações em um ano, em grande parte realizados em campos de esterilização em que as condições sanitárias e a qualidade de remédios e tratamento viraram matéria de denúncia. Recebeu grande apoio da USAID.¹⁴ A China foi premiada então por sua política de filho único. Em paralelo, a Agenda 2030 de desenvolvimento sustentável da ONU não disputa o modelo de crescimento econômico e consumo em vigor, e as fotos de Elon Musk com seus inúmeros filhos não carrega o mesmo tom acusatório que outras tantas tiradas no Sul global. Em suma, não há como se falar em mudanças climáticas a partir do Sul global sem levar em conta o sistema de dois pesos e duas medidas tão claramente vigente, inclusive combatido, podemos dizer, através do princípio de “responsabilidades comuns, mas diferenciadas”, defendido por países do Sul desde a Eco92. Resta saber como os países do bloco se renderão a essas diferentes pressões. Muito provavelmente, haverá novos incentivos à natalidade em alguns países, como Rússia, China (que já se desfez da política de filho único) e Argentina, cujo perfil exploramos pouco aqui, mas que também enfrenta baixa taxa de fecundidade, envelhecimento da população e número significativo de emigrantes.

Por último, é inevitável, talvez, pensar em como o bloco lidará com o tema espinhoso da religião.



É mundialmente sabido que o governo de Modi tem sido acusado de adotar leis e políticas que discriminam sistematicamente a população muçumana na Índia, além de outras minorias.¹⁵ Da mesma forma, a China é acusada de implementar diversas medidas discriminatórias contra a minoria muçulmana Uyghur, com relatório do Alto Comissariado da ONU para Direitos Humanos indicando que podem estar sendo perpetrados crimes contra a humanidade.¹⁶

Na nova composição dos BRICS, o bloco contará com quatro países em que a maior ou grande parte da população pratica o Islã, como Irã, Etiópia, Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos.



Assim, em termos da agenda de direitos humanos e, neste caso, especificamente sobre a liberdade de religião, há conflitos potenciais intrabloco a acompanhar.

É importante manter o foco na questão social, sob o risco de alguns desses graves problemas serem subsumidos pela agenda geopolítica e econômica.

REFERÊNCIAS:

- 1 VITKINE, Benoît. Putin's demographic failure in Russia, *Le Monde*, 29 set 2023. Disponível em https://www.lemonde.fr/en/international/article/2023/09/29/putin-s-demographic-failure-inrussia_6141427_4.html. Acesso: 02 de outubro de 2023.
- 2 COOPER, HELENE et al. Troop Deaths and Injuries in Ukraine War Near 500,000, U.S. Officials Say, *The New York Times*, 18 agosto 2023. Disponível em <https://www.nytimes.com/2023/08/18/us/politics/ukraine-russia-war-casualties.html>. Acesso: 02 de outubro de 2023.
- 3 TALAVER, Sasha. Russia's War Is a Failed Answer to Its Demographic Crisis, *Jacobin*, 23 abril 2023. Disponível em <https://jacobin.com/2023/04/russia-ukraine-war-putin-demographic-crisis-socialreproduction-biopolitical-imperialism>. Acesso: 02 de outubro de 2023.
- 4 SAHAY, Tim. Don't Believe Modi's Economic Success Story, *Foreign Policy*, 23 junho 2023. Disponível em <https://foreignpolicy.com/2023/06/23/modi-india-economy-success-story/>. Acesso: 02 de outubro de 2023.
- 5 OXFAM. Fome avança no Brasil em 2022 e atinge 33,1 milhões de pessoas. *Oxfam*, 08 jun. 2022. Disponível em <https://www.oxfam.org.br/noticias/fome-avanca-no-brasil-em-2022-e-atinge-331-milhoes-de-pessoas/>. Acesso: 02 de outubro de 2023.
- 6 GUEDES, Aline. Retorno do Brasil ao Mapa da Fome da ONU preocupa senadores e estudiosos. *Agência Senado*, 14 out. 2022. Disponível em <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2022/10/retorno-do-brasil-ao-mapa-da-fome-daonu-preocupa-senadores-e-estudiosos>. Acesso: 02 de outubro de 2023. Ver relatório recente sobre o tema produzido pelo PET do Instituto de Relações Internacionais (IRI), PUC-Rio:
- 7 EMBRAPA. Brasil pode superar a Índia em 2023 na produção de grãos, 22 set. 2022. Disponível em <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/73611968/brasil-pode-superar-a-india-em-2023-na-producao-de-graos>. Acesso: 02 de outubro de 2023.
- 8 Dados disponíveis em <https://www.cia.gov/the-world-factbook>. Acesso: 02 de outubro de 2023.
- 9 THE ECONOMIST. Only 7% of urban Indian women have paid jobs, 20 fev. 2021. Disponível em <https://www.economist.com/leaders/2021/02/20/only-7-of-urban-indian-women-have-paid-jobs>. Acesso: 02 de outubro de 2023.
- 10 DEUTSCHE WELLE. Saudi women break the glass ceiling, 27 maio 2023. Disponível em <https://www.dw.com/en/saudi-women-break-the-glass-ceiling-and-move-into-the-spotlight/a-65747843>. Acesso: 02 de outubro de 2023.
- 11 HUMAN RIGHTS WATCH. Human Rights Watch Submission to the Committee on the Elimination of Discrimination against Women on the United Arab Emirates, 4 março 2021. Disponível em <https://www.hrw.org/news/2021/03/04/human-rights-watch-submission-committee-eliminationdiscrimination-against-women>. Acesso: 2 de outubro de 2023.
- 12 O mundo caminharia, segundo a ONU, para uma queda de 2.3 para 2.1 em criança/mulher até 2050. ONU. Population. Disponível em <https://www.un.org/en/globalissues/population#:~:text=According%20to%20the%20World%20Population,2021%20to%202.1%20in%202050>. Acesso: 02 de outubro de 2023.
- 13 FMI. Population aging is the top global demographic trend; the pandemic can teach us how to prepare for it, 11 de julho de 2023. Disponível em <https://www.imf.org/en/Publications/fandd/issues/Series/Analytical-Series/aging-is-the-realpopulation-bomb-bloom-zucker>. Acesso: 02 de outubro de 2023. A expressão faz referência a EHRlich, P. *The Population bomb*. New York, Ballentine Books, 1968. O crescimento populacional, segundo Ehrlich, seria uma bomba porque eventualmente ultrapassaria a "capacidade de carga" (carrying capacity) do planeta, degradando o meio ambiente e esgotando recursos.
- 14 DOWIE, M. *The Charge : Gynocide, Mother Jones*, 1979.
- 15 HUMAN RIGHTS WATCH. India. Disponível em <https://www.hrw.org/world-report/2023/countrychapters/india>. Acesso: 02 de outubro de 2023.
- 16 HUMAN RIGHTS WATCH. China: Unrelenting Crimes Against Humanity Targeting Uyghurs, 31 agosto 2023. Disponível em <https://www.hrw.org/news/2023/08/31/china-unrelenting-crimes-againsthumanity-targeting-uyghurs>. Acesso: 02 de outubro de 2023.



BRICS
Policy Center
Centro de Estudos
e Pesquisas BRICS

BRICS Policy Center/Centro de Estudos e Pesquisas BRICS

R. das Laranjeiras 307, 3 andar, Laranjeiras, RJ.
Rio de Janeiro, Brasil - Cep. 22240-004
e-mail: bpc@bricspolicycenter.org

Mais informações acesse:

bricspolicycenter.org

Siga o BRICS    